

Americanos querem morrer em casa

NOVA YORK -- O processo que envolve os últimos momentos de um paciente, que durante anos foi domínio exclusivo dos médicos, está mudando. Um número cada vez maior de norte-americanos está optando por deixar os hospitais e morrer em casa. Milhões estão deixando o testamento assinado em vida e outros tantos decidiram dar à família e amigos o poder de dispensar o tratamento médico quando chegar a hora final. As mortes de

Jacqueline Kennedy e Richard Nixon, que rejeitaram o que a medicina podia oferecer para prolongar suas vidas, parecem estar acelerando o modo como os americanos encaram a aproximação da morte.

Desde a morte de Nixon, em abril, os telefonemas para o Choice in Dying, grupo que ajuda as pessoas a preparar testa-

mentos e outros documentos, subiram para 2 mil por dia. De acordo com pesquisas, 90% dos americanos afirmam que não querem ter sua vida prolongada quando estiverem morrendo. Um em cada cinco expressou essa vontade no papel.

DOENTES OPTAM POR FICAR LONGE DO HOSPITAL

As pessoas estão voltando ao que sempre soubermos até o meio deste século: a morte não é uma doença, e ocorre quando a doença ganhou a batalha", comparou o médico Sherwin Nuland, autor do

best-seller *Como Morremos*.

A mudança de atitude é uma reação aos avanços tecnológicos que tornaram possível prolongar a vida de vítimas de doenças crônicas e tem ganhado impulso com as dezenas de casos que foram à Justiça e estabeleceram os direitos do paciente de se recusar ou interromper o tratamento.